

## **Explorando o desconhecido: As contribuições dos viajantes naturalistas para as Ciências Naturais no Brasil do século XVIII e XIX**

*Exploring the Unknown: The contributions of naturalists travelers to the natural sciences in Brazil of XVIII/XIX century*

Lucas de Lima Fernandes Padoan

Mestrando em Geografia, Departamento de Pós-Graduação em Geografia, UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[lpadoan2@hotmail.com](mailto:lpadoan2@hotmail.com)

### **Resumo**

Quando o intuito é discutir sobre paisagem, ambiente e ciência no Brasil, obrigatoriamente devemos nos remeter às contribuições e pesquisas proporcionadas pelos viajantes naturalistas no Brasil durante o século XVIII e XIX. Grosso modo, o viajante naturalista é considerado aquele que, durante o período aqui referido, dedicava-se exclusivamente ao estudo da história natural, compreendendo a dinâmica dos elementos que circundam a Terra. Dessa forma, pretendemos aqui descrever rapidamente as contribuições de importantes viajantes naturalistas que atravessaram o território brasileiro no período referido: Alexandre Rodrigues Ferreira; Maximilian de Wied von Neuwied; Johannes Natterer; Castelnau e Deville; Langsdorff; Martius e, por fim, Auguste de Saint-Hilaire. Por fim, podemos dizer que as extensas expedições realizadas pelos viajantes naturalistas que vieram ao Brasil representaram importantes contribuições para o entendimento e compreensão do nosso próprio território, tanto no que diz respeito à dinâmica ambiental da paisagem, descrição de fenômenos naturais, quanto à classificação de fauna e flora.

**Palavras-chave:** Naturalistas, Ciências Naturais; Biodiversidade

### **Abstract**

When the aim is to discuss landscape, environment and science in Brazil, we must refer to the contributions and research provided by traveling naturalists in Brazil during the eighteenth and nineteenth century. Roughly, the traveler is considered that naturalist who, during the period referred to here, was devoted exclusively to the study of natural history, understanding the dynamics of the elements that surround the Earth. Thus, here we intend to quickly describe the contributions of important naturalist travelers who crossed over Brazil in the period referred to: Alexandre Rodrigues Ferreira; Maximilian von Wied Neuwied; Johannes Natterer; Castelnau and Deville; Langsdorff; Martius and, finally, Auguste Saint-Hilaire. Finally, we can say that the extensive expeditions by traveling naturalists who came to Brazil were important contributions to the understanding and comprehension of our own territory, both with regard to environmental landscape dynamics, description of natural phenomena, and for classification of fauna and flora..

**Keywords:** Naturalists, Natural Science; Biodiversity.

## I INTRODUÇÃO

Quando o intuito é discutir sobre paisagem, ambiente e ciência no Brasil, obrigatoriamente devemos nos remeter às contribuições e pesquisas proporcionadas pelos viajantes naturalistas no Brasil durante o século XVIII e XIX.

Grosso modo, o viajante naturalista é considerado aquele que, durante o período aqui referido, dedicava-se exclusivamente ao estudo da história natural, compreendendo a dinâmica dos elementos que circundam a Terra (RUBIN, 2013).

Segundo Leite (1995), os viajantes que chegaram durante o período colonial no século XVIII, caracterizavam-se como súditos da Coroa Portuguesa, sendo eles encarregados de revelar as riquezas e utilidades dos recursos naturais aqui existentes. Em contrapartida, os que percorreram o Brasil no século XIX, após a chegada da corte portuguesa, vinham de distintas regiões da Europa, estando empenhados em realizar observações e classificações no âmbito das Ciências Naturais.

Muitos dos viajantes naturalistas aqui discutidos, principalmente no século XIX, tiveram influência direta de Alexander von Humboldt, considerado o pai da Geografia e da Ciências Naturais. Apesar de Humboldt não ter vindo ao Brasil, se faz imprescindível citar o seu nome neste trabalho, uma vez que se torna referência como viajante e como pesquisador de seu tempo.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo é resultado de um processo metodológico dividido em três etapas, onde: (i) levantamento bibliográfico acerca dos viajantes naturalistas que vieram ao Brasil no século XVIII e XIX; (ii) breve descrição de suas expedições e contribuições; (iii) confecção do documento final.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos citar dois grandes naturalistas como os percussores das viagens ao Brasil setecentista: Georg Marcgrave e Alexandre Rodrigues Ferreira (LEITE, 1995; VANZOLINI, 1996; RUBIN, 2013).

Marcgrave, nascido na Saxônia em 1610, chega ao Brasil em 1638 através do plano de governo de Maurício de Nassau. Apesar de sua vinda como astrônomo ter suscitado na construção do primeiro observatório astronômico no Novo Mundo, Marcgrave escreveu um dos volumes de “História Natural do Brasil”, sendo o mesmo publicado sob o título *Historia Naturalis Brasiliae*, após sua morte em 1648 (VANZOLINI, 1996).

A obra consiste em uma lista contendo mais de 245 espécies de vertebrados, introduzindo a nomenclatura em tupi e em português, apresentando descrição e inúmeras ilustrações.

Alexandre Rodrigues Ferreira, segundo precursor naturalista no Brasil, nascido em Salvador e doutor em ciências naturais pela Universidade de Coimbra, foi indicado para percorrer uma expedição em território nacional a fim de desvendar a fauna e flora brasileira, sob ordens da Coroa (VANZOLINI, 1996).

Sua expedição durou cerca de nove anos explorando em sua grande maioria a flora e fauna da Floresta Amazônica, além de relatar o povoamento da mesma, o qual é relativo à história, religião, costumes, artes, economia, dentre outras dimensões (LEITE, 1995).

Nesse sentido, as expedições sob ordens da Coroa Portuguesa ficaram conhecidas como Expedições Filosóficas ou Viagem Filosófica, onde a coroa enviou viajantes naturalistas a suas colônias ao final do século XVIII, sendo Cabo Verde responsável por João da Silva Feijó; Angola por Joaquim José da Silva; Moçambique por Manuel Galvão da Silva e, por fim, o Brasil por Alexandre Rodrigues Ferreira (FRANCISO, 2007).

Marcgrave e Alexandre Rodrigues Ferreira, homens do século XVII e XVIII, representam enormes contribuições para o entendimento do território brasileiro no que diz respeito à zoologia, principalmente. Contudo, apesar de sua importância histórica, ambos os viajantes naturalistas obtiveram pouco impacto no campo científico, uma vez que este só começou a ser movido de fato, no século XIX (VANZOLINI, 1996).

Desse modo, torna-se imprescindível estudarmos sob a perspectiva do século XIX a chegada

dos naturalistas europeus e suas grandes expedições brasileiras, considerando Maximilian de Wied von Neuwied; Johannes Natterer; Castelnau e Deville; Langsdorff; Martius e, por fim, Auguste de Saint-Hilaire.

Maximilian Alexander Phillip, ou Maximilian de Wied von Neuwied, foi um naturalista que, influenciado por Humboldt – considerado um dos maiores naturalistas de todos os tempos e pai da geografia –, promoveu uma expedição no sudeste brasileiro onde coletou uma série de vertebrados terrestres, sendo os mesmos catalogados e publicados em 1821 (VANZOLINI, 1996).

O príncipe alemão, Wied, percorreu os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, registrando e coletando espécies, além de analisar comunidades indígenas e seu modo de reprodução social (RUBIN, 2013).

O viajante naturalista também promove uma discussão sobre os problemas oriundos da transmissão e elaboração do conhecimento, assim como a falta de dados e a necessidade de pesquisas de campo:

Faz-se geralmente na Europa uma ideia bastante inexata desses longínquos países. Pode-se atribuir esse erro a certos viajantes, que não se limitaram a tratar somente do que viram e a escritores que fizeram descrições elaboradas nos gabinetes e compostas sobre tema escolhido, com as mais interessantes citações de autores conhecidos, e arrançados pela fantasia, sem nenhum conhecimento da matéria, que podem agradar pelo primor do estilo e a forma atraente com que são apresentados, mas não possuem nenhum valor intrínseco, pois estão repletos de erros. Como evitar os erros e as inexatidões, quando não se tem presente, aos olhos, o objeto de que se deseja traçar a imagem? Aplicam-se ao conjunto traços que só convém às partes de um país tão grande como o Brasil, se pareçam umas com as outras, quando cada província apresenta sua particularidade distinta? Assim é que se lê em mais de um livro que, em todo o Brasil, se encontram fetos arborescentes; exagera-se em geral a beleza do país; fala-se de macacos que riem e tagarelam; de pássaros canoros que chilreiam; de laranjeiras que crescem nas florestas; de Agave faetida em cima das serpentes; fazem-se descrições exageradas das florestas. O fato é que raramente se encontram reunidas todas as coisas agradáveis e interessantes como o imagina um autor sentado em sua poltrona, depois de haver retirado suas descrições de viajantes acostumados a representar tudo com exagerada beleza. (Wied von Neuwied, 1820-1821 apud Leite, 1995).

Desse modo, indica-se a importância dos trabalhos de campo para a coleta e verificação de dados pelos naturalistas durante o período estudado, uma vez que a paisagem e seus elementos, de maneira geral, tornam-se o laboratório desses estudiosos.

Na mesma época, em 1817, devido ao casamento de D. Pedro I com D. Leopoldina, uma comissão técnica austríaca chegava ao Brasil composto pelo naturalista Johann Christian Mikan e pelos coletores Johann Natterer e Dominick Sochor, além de outros integrantes de menor destaque (VANZOLINI, 1996).

Adotando um critério de relevância para a zoologia, a missão austríaca colocou em proeminência Johann Natterer, que percorreu 18 anos em território brasileiro coletando diferentes tipos de espécies, acompanhado por Sochor – que faleceu de malária no Mato Grosso, em 1826 –, terminando suas atividades em 1835, quando retornou à Áustria para analisar suas coletas (VANZOLINI, 1993; VANZOLINI, 1996).

Segundo Vanzolini (1996), o viajante não viveu o suficiente para descrever todo o seu material, falecendo em 1843, publicando apenas dois trabalhos de relevância na área.

Em 1840, um grande ciclo de explorações geográficas veio à América do Sul, realizada por uma equipe francesa chefiada pelo diplomata e naturalista Conde de Castelnau e Émile Deville.

O grupo de viajantes realizou um extenso itinerário, sendo consideradas duas fases brasileiras: a primeira saiu do Rio de Janeiro em 1843, chegando na Bolívia em 1845; a segunda fase foi caracterizada pelas viagens na América do Sul com posterior entrada na floresta amazônica, regressando a Paris após cerca de 49 meses de campo (DANTAS, 1992; VANZOLINI, 1996).

Todo o material produzido foi condensado em sei volumes, onde os quatro primeiros são dedicados exclusivamente ao Brasil. A narrativa de Castelnau deixa claro todas as localidades visitadas, contendo todos os dados ecológicos coletados, além das descrições de espécies estudadas e, inclusive,

pesquisas paleontológicas (VANZOLINI, 1996).

Castelnau regressa novamente a Salvador em 1850, como Cônsul da França, assumindo posteriormente, inclusive, outros postos consulares em outros países (DANTAS, 1992), vindo a falecer na Austrália, em 1880.

O outro contribuinte da expedição, Émile Deville, publicou uma série de artigos científicos em Paris e regressou ao Brasil em 1853 a fim de estudar os males da febre amarela, doença a qual foi acometido e acabou falecendo no mesmo ano em questão (DES MURS, 1855-56, p. 2 apud VANZOLINI, 1996).

Por último, citamos o médico alemão e russo naturalizado Georg Heinrich von Langsdorff, ou Grigorii Ivanovich Langsdorff, como ficou conhecido no serviço russo (BRAGA, 1993).

Langsdorff, antes de sua expedição no Brasil, já havia estado em território brasileiro – de passagem, uma vez que antes da chegada da corte ao Brasil, os portos se mantinham fechados a navios estrangeiros – como membro da tripulação de Krusenstern, aportando na ilha de Santa Catarina para reabastecimento (BRAGA, 1993; VANZOLINI, 1996).

A tripulação permaneceu na ilha de Santa Catarina durante seis semanas, período em que Langsdorff e outros cientistas pesquisaram a respeito da fauna e flora, motivo pelo qual despertou curiosidade no jovem naturalista que, ao partir, escreveu em seu diário: “... e assim, tivemos que deixar o mais belo e rico país da terra. A lembrança de minha estada no Brasil permanecerá em minha mente por toda a vida” (BRAGA, 1993).

Anos mais tarde, em 1813, Langsdorff chegava ao Brasil como cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, com a intenção de ter acesso contínuo às riquezas do ambiente tropical (VANZOLINI, 1996).

O naturalista comprou uma casa de campo na Serra dos Órgãos, inserida totalmente em Mata Atlântica, onde ali recebia com frequência outros estudiosos das ciências naturais, uma vez que possuía uma vasta biblioteca e coleções científicas (BRAGA, 1993; VANZOLINI, 1996).

Segundo Braga (1993), vários viajantes naturalistas citam a casa de campo em suas passagens. Langsdorff recebeu Eschwege (mineralogista a serviço de Portugal); chegou a receber Maximilian de Wied von Neuwied, onde o príncipe de Wied acabou conhecendo outros integrantes de sua expedição; em 1816 recebeu Saint-Hilaire, com quem acabou partindo em sua primeira expedição fora dos limites do estado do Rio de Janeiro.

Langsdorff permaneceu no Brasil até 1820, quando regressou a Europa, retornando ao Brasil apenas em 1822, saindo para sua expedição em 1826 (VANZOLINI, 1996). Seu itinerário consistiu basicamente de sua partida no Rio, passando por Minas Gerais, São Paulo, Paraná, seguindo por Mato Grosso e finalizando no Amazonas, em meio à floresta amazônica (BRAGA, 1993; VANZOLINI, 1996; RUBIN, 2013).

Segundo Braga (1992) e Rubin (2013), a missão percorreu cerca de 17.000 quilômetros em território brasileiro, apresentando alguns percalços, onde, um dos pintores da equipe, Rugendas, abandonou a expedição levando consigo seus desenhos. Outro pintor e desenhista, Tauney, acabou morrendo afogado no Rio Guaporé (bacia do Rio Amazonas) após tentar atravessá-lo a nado.

Braga (1992), afirma que durante a expedição, o grupo, sob dificuldades de locomoção na Amazônia e acometido por fortes febres, acabou realizando uma parada junto a uma aldeia dos Apiacá, à margem do rio Jurema, onde o estado de saúde de Langsdorff encontrava-se crítico. O naturalista, ao recobrar os sentidos após um desmaio, constata que havia perdido toda a memória, encerrando a expedição e retornando ao Rio de Janeiro.

Segundo Rubin (2013), todo o material produzido na viagem, incluindo o diário de bordo, acabou sendo transportado a Rússia, sendo mantido em segredo até o ano de 1930, quando foi encontrado nos porões do Museu e Jardim Botânico de São Petersburgo.

Vanzolini (1996) indica que pela qualidade e quantidade das ilustrações zoológicas e botânicas produzidas por Langsdorff, tratava-se de uma possível futura publicação em pelo menos um livro sobre a história natural da viagem empreendida.

Levando em consideração a importância dos registros históricos do contexto estudado, partimos da obra “Os caminhos do ouro e o registro da vegetação segundo os naturalistas do XIX”, por Marilene Nogueira, que expõe de forma clara e sutil o caminho de dois grandes naturalistas – Auguste de Saint-Hilaire e Carl Friedrich Philipp von Martius – e seus respectivos trabalhos e contribuição no que se refere ao registro da vegetação brasileira.

Em sua obra, Marilene indica não só dados observados por Saint-Hilaire e Von Martius, mas também expõe questões pessoais que marcaram a trajetória de vida de ambos, além de nos mostrar diversas impressões e sentimentos acerca de determinados ambientes percorridos em território brasileiro.

O francês Saint-Hilaire, aos seus 37 quando chegou ao Brasil, coletou em sua trajetória por volta de 30.000 exemplares de plantas, catalogando, portanto, cerca de 7.000 espécies. Marilene o descreve pelo seu caráter de “homem-cientista”:

Pela leitura de seus relatórios de viagem, vê-se o caráter do “homem-cientista” típico, da ciência que emergia firmando-se no cuidado das observações, na criteriosidade das análises e julgamentos, cristalizando-se como referência de dignidade pela busca da verdade pelo esclarecimento num campo de neutralidade. (NOGUEIRA, 2005)

Dessa forma, a atenção, observação e análise se tornam os critérios mais importantes de Saint-Hilaire em suas viagens. Observando cada ambiente, cada tipo de vegetação, cada conjunto de plantas, analisando os indivíduos (coletando-os e descrevendo-os) e sua relação com diversos fatores ambientais. É interessante ressaltar a perplexidade de Saint-Hilaire com a vegetação brasileira, afirmando, inclusive, a dificuldade de observar e caracterizar em função da imensa diversidade florística.

O naturalista francês analisa uma diversidade de fatores ecológicos que acabam por ocasionar condições e/ou restrições no ambiente, principalmente no que se refere à localização geográfica e tipo vegetacional, como podemos ver nas descrições de Saint-Hilaire presentes no texto de Marilene:

Não se julgue que as matas virgens sejam por toda a parte absolutamente idênticas; apresentam variações conforme a natureza do terreno, a elevação do solo e a distância do equador. As matas dos arredores do Rio de Janeiro têm mais majestade do que em todas as que vi em outras partes do Brasil, talvez porque em parte alguma a umidade seja tão grande como lá; entretanto, as florestas das províncias do Espírito Santo e Minas Gerais, mesmo as das províncias mais meridionais de São Paulo e Santa Catarina, têm também suas belezas(...). (SAINT-HILAIRE, apud NOGUEIRA, 2005).

Saint-Hilaire, em seus relatos de viagem, segundo Marilene, também descreveu as sensações térmicas em cada região por que passou, anotando também as impressões sobre as áreas visitadas. A sensibilidade do naturalista ao descrever e comparar cada planta, desde sua cor até seu tamanho, é cuidadosamente registrada. O francês observa também as transições da vegetação e a diversificação do porte vegetacional, buscando entender o porquê, sem perder o deslumbramento com cada região que passa.

Nenhum detalhe passa despercebido por Saint-Hilaire, que analisa atenciosamente cada extrato de vegetação, seja nas florestas úmidas e sombreadas, em campos mais secos sobre o sol ou em altos das serras. Saint-Hilaire acaba percebendo a semelhança florística com as condições ambientais proporcionada entre diversas áreas, considerando também barreiras geográficas e notando endemismos nos altos dos picos:

(...) À medida que subíamos, a vegetação se tornava, menos vigorosa e mais variada, e vimo-la mudar constantemente, conforme a altura. Encontrei, entre outras, algumas plantas da família de ericáceas; várias umbelíferas de folhas simples. Grande número de eriocaulons; duas ou três espécies de vellozia; uma surpreendente variedade de melastomatáceas; (...) Chegados a certa altitude, achamo-nos uma espécie de planície que se estende, por um declive brando abaixo do cume da montanha, e que chamam o de Campestre. Presumo, pela semelhança da vegetação, que essa planície pode ter a mesma altitude que a cidade de Vila Rica e a Ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens e Serra da Caraça. Povoam-na, ainda, melastomatáceas de pequenas folhas, algumas mirtáceas aveludadas, rubiáceas com folhas de urzes, no meio dessas plantas, encontrei algumas que ainda não recolhera até então (...). (SAINT-HILAIRE, apud NOGUEIRA, 2005).

A análise dos fatores ambientais foi de suma importância para compreender como as condições do solo, a altitude, a localização na latitude e a umidade se relacionam para suscitar um tipo vegetacional, ou até mesmo a ocorrência de indivíduos. Para tanto, Saint-Hilaire utiliza de todo o aparato disponível pelos sentidos humanos para sua observação, a audição, o olfato, o paladar e principalmente

o tato e visão. Dessa forma, a autora afirma que Saint-Hilaire não observou somente as interações e os processos cíclicos da natureza, ele observou a vida, com um olhar ligado a mente e outro ligado ao coração.

Assim, Marilene Nogueira corrobora com o caráter poético de Saint-Hilaire, observando que qualquer relação mais íntima com qualquer planta acaba por gerar afeto, ternura, carinho e, sobretudo, respeito. Nesse sentido, legitimando que para conhecer uma planta, é preciso primeiro conhecer o solo, entender o sol, do ciclo da água, da fauna e saber acerca do tempo e espaço. Assim, o naturalista francês não se contenta apenas com a observação da vegetação e coleta de indivíduos para posteriores análises, ele observa o céu, indo além da sua coloração; ele observa o ciclo das árvores em função das estações; analisa os tipos dos solos e sua qualidade relacionada ao surgimento de cobertura vegetal e procura notar peculiaridades a cada passo que dá sobre a terra.

Saint-Hilaire também se responsabilizava pela análise e descrição de centenas de exemplares dos indivíduos coletados pelos caminhos percorridos. Ainda hoje o mesmo processo é reproduzido por diversos profissionais e acadêmicos, a construção das exsicatas e a identificação de indivíduos pelas características fisionômicas e morfológicas dos mesmos. A partir disso, muitas perguntas surgiram e muitas outras suposições foram elaboradas, sendo assim, Saint-Hilaire, fala não só das condições ambientais, mas também de questões adaptativas, como por exemplo, a relação do porte da estrutura vegetal com o meio, em outras palavras, quanto mais exposta a um ambiente com condições mais severas, um menor porte seria uma adaptação necessária, já que quanto menor o tamanho, mais fácil se torna para economizar água.

A autora também evidencia que o francês, em determinados momentos, reclama pela demasiada interferência do ser humano e sua negligência com o ambiente, uma vez que ele observa o desequilíbrio da exploração da terra:

Bastaram-nos duas horas de trajeto para chegar a Mariana, e os primeiros habitantes gastavam cinco dias para fazer essa viagem, quando a região ainda estava coberta de matas virgens e se era obrigado a seguir através de rochedos e sarças espessas, todas as sinuosidades que o Rio Ouro Preto descreve em seu curso (SAINT-HILAIRE, apud NOGUEIRA, 2005).

Na passagem acima, Saint-Hilaire observa a fragilidade do meio natural em decorrência do abuso do ser humano, demonstrando como o homem pode modificar um ambiente e causar consequências por tempo indeterminado. O naturalista descreve como exemplo dessa interferência humana não só o caminho que fornecia acesso a Mariana, mas também sobre a Estrada Real, indo para Vila do Príncipe (onde possuía diversos amigos e sempre foi muito bem acolhido), na qual as florestas deram lugar a imensas pastagens de capim gordura.

Os caminhos percorridos por Saint-Hilaire são incontáveis, visitou Minas Gerais partindo do Rio, passando por Vila Rica e pela Estrada Real e pelo Caminho do Mato, algumas vezes se deslocando para passar por Itabira, Itambé e Conceição do Mato Dentro. No nordeste mineiro, o naturalista conheceu a caatinga da região do Jequitinhonha, partindo rumo ao São Francisco para chegar a Tijuco. Em 1817, voltou a Vila Rica, passou em Milho Verde, Vila do Príncipe e voltou ao percurso da Estrada Real. Subiu a Serra do Cipó, Serra da Piedade, percorreu um recorte do Caminho do Campo, passou por São João Del Rei, Barbacena e foi até chegar ao Rio novamente. Em 1819 volta para Minas Gerais tentando percorrer alguns trajetos diferentes, dessa vez conhecendo até Goiás. Outra viagem a Minas gerais em 1822, passando por Valença e Rio Preto.

Em outras palavras, o naturalista conheceu, observou e analisou diversas localidades, percorreu diversos caminhos e, sobretudo, teve um olhar distinto para cada região visitada, inclusive para aquelas pelas quais já havia passado anteriormente. Dessa maneira, observa-se a importância dos relatos das viagens não somente para a caracterização e identificação de plantas, mas também para um trabalho completo sobre as marcas da vegetação brasileira de quase 200 anos atrás.

Em 1817, um ano após a chegada de Saint-Hilaire, um segundo naturalista de grande relevância chega a terras brasileiras. Carl Friedrich Philipp von Martius, alemão, botânico e com seus 23 anos.

Assim como Saint-Hilaire, Martius também registrou todas as suas viagens em relatórios, transcrevendo assim o Brasil visto pela lente de seus olhos, utilizando de um mesmo método sistêmico de observação, coleta e análise. Desde florestas a campos, analisa o meio natural e o componente humano

pelo qual passa, descrevendo cidades, estradas, homens e mulheres. E não diferente do naturalista francês, Martius começa seus estudos na cidade do Rio de Janeiro, onde, na Serra do Mar, fica perplexo e admirado com tamanha exuberância da vegetação. Detalha os estratos das florestas, desde os grandes e mais antigos, até os mais rasteiros.

Martius analisa a partir de uma abordagem humboldtiana o espaço, a vegetação como um todo e a fisionomia dos indivíduos observados:

É mais difícil retratar o caráter das jovens florestas brasileiras com palavras do que com imagens; e desse modo parece-nos já ter satisfeito ao benévolo leitor com a arte do pintor. Contudo, aquele que desejar saber mais sobre a natureza destas florestas deve percorrer a narração de nossa viagem e o nosso discurso acadêmico sobre a fisionomia das plantas no Brasil (MARTIUS, 1823-53, vol. II, p.73-74, apud KURY, 2001, p. 867).

O discurso acadêmico referido é A fisionomia do reino vegetal, em que ele descreve toda a aparência da vegetação brasileira, definindo o Brasil como um “todo geográfico” (KURY, 2001).

Desse modo, semelhante a Saint-Hilaire, o alemão acaba abstraindo uma variedade de conjuntos de dados relacionados ao clima, ao solo, a vegetação e ao relevo para constituir suas análises. Sendo assim, é notório que von Martius acaba chegando conclusões verosímeis a de Saint-Hilaire no que se refere à formação vegetativa peculiar nos altos das serras, que acaba sendo muito semelhante as observadas por ele no Alpes, assim como na Serra Piedade, Caraça, Itambé e Andes, já que no alto pode-se dizer que há características restritivas do ambiente.

É importante ressaltar que Martius não se engessa em apenas descrever a vegetação em si, ele também analise a população (no entanto, com determinados conceitos ou óticas diferentes), como por exemplo, na floresta amazônica:

Escuro como o inferno, emaranhado como o caos, aqui se estende uma floresta impenetrável de troncos gigantescos, desde a foz do Amazonas até muito além do território português em direção a Oeste. A natureza pudibunda do reino vegetal parece, de repente, sentir prazer em produzir formações grotescas, numa ânsia inquieta. Arbustos com espinhos irritantes e malignos, palmeiras com terríveis agulhões, cipós laticíferos emaranhados perturbam os sentidos do peregrino. Não admira que a alma do índio, errando em tal ambiente, torne-se sombria de tal maneira, que, perseguido pelas sombras da solidão, possa ver em toda a parte criações fantasmagóricas da sua rude imaginação (MARTIUS, 1823-53, vol. II, p.246, citado por KURY, 2001, p. 868).

É interessante notar como, não só apenas para Martius, mas a tentativa de registrar os fenômenos em sua totalidade considerando os fatores culturais como peça inerente das paisagens naturais levou vários naturalistas a buscarem apoio em obras literárias (KURY, 2001).

É fato que muitos dos caminhos percorridos por Martius e Saint-Hilaire coincidiram, é inegável que muitas observações são extremamente semelhantes, contudo, são outros olhos que observam e outra mente que pensa, ou seja, uma outra percepção da vida estudada (NOGUEIRA, 2005). É desse modo que Martius constrói seu trabalho denominado Flora Brasiliensis, a qual possui 40 volumes e contem a descrição de cerca de 20.000 espécies de plantas, sendo considerada hoje uma ferramenta de pesquisa fundamental para a botânica.

#### 4 CONCLUSÕES

Podemos dizer que as extensas expedições realizadas pelos viajantes naturalistas que vieram ao Brasil representaram importantes contribuições para o entendimento e compreensão do nosso próprio território, tanto no que diz respeito à dinâmica ambiental da paisagem, descrição de fenômenos, quanto à classificação de fauna e flora.

Dessa forma, o material coletado e descrito durante o século XVIII e XIX representou uma importante sedimentação de conhecimento, a qual serviu como base para a continuidade de estudos posteriormente.

Precisamos lembrar também da importância histórico-cultural das contribuições realizadas pelos naturalistas, uma vez que se trata de registros dentro de contextos sócio-políticos distintos do cenário moderno, subsidiando e revelando fatos inestimáveis sobre a história do Brasil.

Por fim, os registros, de maneira geral, evidenciam como o Brasil foi sendo descoberto aos poucos por viajantes naturalistas que andaram país a fora observando, coletando e estudando. Tais contribuições se tornaram inestimáveis para o conhecimento no campo das Ciências Naturais, que mesmo após quase 300 anos, ainda é peça fundamental no ensino e na pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Marcos Pinto. “Langsdorff no Brasil.” *Textos de História*. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB. 1.1 (1993): 124-138.

DANTAS, Luiz. *Francis de Castelnau e o relato de um grupo de escravos de Salvador da Bahia em 1851 ou do caráter simiesco dos indesejáveis*. In: Remate de Males, Campinas, (12):45-55, 1992.

KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. Hist. cienc. saúde, Rio de Janeiro, 2013. P. 863-872.

LEITE, Miriam L. Moreira. *Naturalistas viajantes*. *Hist. cienc. Saúde-anguinhos* [online]. 1995, vol.1, n.2, pp. 7-19. ISSN 0104-5970.

NOGUEIRA, M. M. *Os caminhos do Ouro e o registro da vegetação segundo Naturalistas do Século XIX*. In: COSTA, A, G. (org). *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.p. 152-191.

RUBIN, C. *Viajantes Naturalistas no Brasil*. Disponível em: < <http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br/preunivesp/5647/viajantes-naturalistas-no-brasil.html>> Acesso em: 15/08/2014.

VANSOLINI, P. E. *Brasil dos Viajantes: A contribuição Zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil*. In: Revista USP: São Paulo (30): 190-238. Junho/Agosto 1996.

VANZOLINI, P. E. “*As Viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1835*”, in Papéis Avulsos Zool. São Paulo, 38 (3), 1993, pp. 17-60.